

# abpi.empauta.com

Associação Brasileira da Propriedade Intelectual  
Clipping da imprensa

*Brasília, 03 de novembro de 2020 às 07h36*  
*Seleção de Notícias*

## Folha de S.Paulo | BR

Patentes

**Derrota de Donald Trump poderia fazer Bolsonaro baixar tom agressivo contra a China . . . . . 3**

MERCADO | MARCOS CARAMURU DE PAIVA

# Derrota de Donald Trump poderia fazer Bolsonaro baixar tom agressivo contra a China

MERCADO

Marcos Caramuru de Paiva

Ex-embaixador em Pequim (2016-2018), é sócio e gestor da KEMU Consultoria

Duas características marcantes da política americana em relação à China têm sido a instabilidade e a duvidade. Ao longo do seu mandato, o presidente dos Estados Unidos, Donald Trump, alternou momentos de entendimento e confrontação com os chineses. Deu a impressão de nutrir um misto de admiração e valentia diante de Xi Jinping, enquanto sua equipe se dividia entre bombardear o regime político chinês e manter aceso o diálogo sobre temas econômicos.

Nos primeiros anos do governo Trump, o clima não teve a animosidade dos tempos recentes. Na visita a Pequim, em 2017, o presidente foi recebido com honrarias especiais, como tomar chá na Cidade Proibida, e acordou com Xi um mecanismo de diálogo apresentado pelos chineses como acelerador da confiança mútua.

Mais adiante, em dezembro de 2019, quando se concluiu a fase 1 do Acordo Bilateral de Comércio, os americanos simplesmente declararam vitória. O comunicado emitido pelo USTR (escritório de representação comercial dos EUA) indicou que o acordo levaria a China a promover reformas estruturais, mudanças no regime de propriedade intelectual, **transferência** de tecnologia e que nada disso teria sido possível sem a liderança de Trump. Discursos auto-elogiosos são aceitáveis no mundo da política.

O acordo bilateral está gerando o que programou. A China está liberalizando o mercado financeiro - uma demanda americana antiga - e criando espaço para que os bancos e fundos americanos ampliem investimentos no seu mercado.

A resposta tem sido vigorosa, com expressivo aumento de capital americano nos mercados de ações e bônus chineses, apesar da conversa insistente sobre o "decoupling" das economias. As exigências de formação de joint ventures estão se flexibilizando e a primeira empresa a investir no setor automobilístico chinês sem precisar formar uma associação foi a Tesla.

As demandas de transferência de conhecimento são cada vez menos intensas, até porque os chineses já adquiriram um razoável grau de maturidade na geração de tecnologia, e a China parece agora mais atenta à proteção de suas próprias **patentes**.

Foi a proximidade da campanha eleitoral que deu mais energia ao discurso anti-China do Departamento de Estado americano, enquanto aqui e ali vazavam informações de que os responsáveis por temas econômicos seguiam conversando com os chineses. Trump elevou o tom dos seus próprios comentários mas continua a apresentar um grau elevado de imprevisibilidade na sua conduta. Se vencer, pode tanto criar novas situações de confronto, como pode voltar a se apresentar como amigo e admirador de Xi Jinping.

Biden vitorioso, não está claro que política terá para a China. Mas uma coisa parece certa: a conduta dúbia do governo americano, com autoridades governamentais se comportando de forma diametralmente oposta, será deixada de lado. Deve haver uma visão mais uniforme dos representantes governamentais.

Nossa política para a China tem sido, em larga medida, um espelho da americana. O presidente Jair Bolsonaro foi ao país em outubro de 2019, quando as relações entre China e Estados Unidos passavam por um bom momento. Foi em setembro que se anunciou

Continuação: Derrota de Donald Trump poderia fazer Bolsonaro baixar tom agressivo contra a China

a negociação do acordo comercial.

Na chegada a Pequim, o presidente brasileiro declarou estar num país capitalista e, no entusiasmo do momento, antes mesmo dos encontros oficiais, fez um discurso em que agradeceu o apoio chinês à soberania brasileira na Amazônia e anunciou uma medida nunca implementada: o fim da exigência de vistos para chineses.

Foi na esteira da mudança do discurso americano que o presidente e seus assessores mais próximos tornaram-se mais ácidos com a China. Mas até o momento, como no próprio caso americano, a visão pragmática prevaleceu. Aqui e ali agentes do governo ou próximos dele excedem-se em comentários ríspidos, mas os vínculos econômicos seguem bem e

não há sinais de que o governo queira mudá-los.

Possivelmente, a compra - ou não - da vacina da Sinovac será o próximo teste a indicar se a objetividade e o bom senso continuarão a ser vitoriosos ou cairão por terra.

Com a derrota de Trump, o Brasil perderá o espelho e possivelmente fará menos sentido o tom frequentemente agressivo dirigido aos chineses. Talvez possamos, nós também, encontrar mais uniformidade na ação dos agentes governamentais, abandonar as provocações e confirmar definitivamente o pragmatismo como orientador da conduta no relacionamento com a China.

## Índice remissivo de assuntos

**Propriedade Intelectual**  
3

**Inovação**  
3

**Patentes**  
3